

A CIDADE NO JORNALISMO CULTURAL:

uma perspectiva de Porto Alegre na cobertura do *Diário do Sul* (1986-1988)

Copyright © 2012
SBPjor / Associação
Brasileira de
Pesquisadores em
Jornalismo

CIDA GOLIN

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

SARA KELLER

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

EVERTON CARDOSO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

RESUMO - O artigo discute a representação da cidade no jornalismo cultural, examinando como a editoria de cultura do jornal *Diário do Sul* (grupo GzM) ofereceu uma perspectiva de Porto Alegre entre 1986 e 1988. O percurso sintetiza boa parte dos resultados de pesquisa conduzida por meio de análise de conteúdo e técnicas de história oral temática. Percebeu-se que a cobertura, ancorada na positividade, constrói a cidade como local do consumo, da novidade, da atualização e do movimento contínuo de fluxos externos. Revela a centralização geográfica do circuito, investimentos na institucionalização da cultura e na renovação da infraestrutura da capital. Na tensão entre as referências que criam pertencimento e as que expandem o território, o jornalismo representa a urbe como o centro do espetáculo, inserindo-se em um fenômeno das últimas décadas, quando as cidades se constituíram em agentes decisivos da esfera da cultura.

Palavras-chave: Jornalismo cultural. Cidade. *Diário do Sul*. Porto Alegre.

THE CITY IN CULTURAL JOURNALISM

a perspective of Porto Alegre in the coverage of *Diário do Sul* (1986-1988)

ABSTRACT - The article discusses the representation of the city in cultural journalism, examining how the cultural section of the newspaper *Diário do Sul* (which belonged to *Gazeta Mercantil's* group) offered a perspective of Porto Alegre from 1986 to 1988. The study summarizes a large part of the research results conducted by means of content analysis and thematic oral history techniques. It was perceived that the coverage, anchored in positivity, builds up the city as a place of consumption, of novelty, of updating and of the continuous movement of external flows. It reveals the geographic centralization of the circuit, investments in culture institutionalization and in the renewal of the city's infrastructure. In the tension between the references that create belonging and those that expand the territory, journalism represents the city as the center of the show, inserted in a phenomenon of the recent decades, when cities became decisive agents in the realm of culture.

Keywords: Cultural journalism. City. *Diário do Sul*. Porto Alegre.

INTRODUÇÃO

O jornalismo é um espaço privilegiado de mediação no sistema cultural. A partir de práticas específicas de enquadramento, o trabalho de edição jornalística oferece um instantâneo concentrado sobre o circuito¹ e propõe uma totalidade até então dispersa: congrega os diversos segmentos e seus agentes em disputa, estabelece hierarquias e valorização estética ao destacar determinados eventos ou silenciar outros.

Quando organiza a experiência temporal em torno de um presente compartilhado, o jornalismo insere os acontecimentos em quadros comuns de referência, tornando-se possível encontrar ali um índice de valores hegemônicos de uma determinada sociedade (HALL, 1999; BENETTI, 2010). Logo, ao interpretar o sistema artístico e cultural, oferecendo um retrato do que se produz criativamente, o jornalismo participa do mecanismo de criação de consensos sobre o que significa a cultura de uma época, consenso esse formado dentro do próprio campo pelos seus agentes e instituições referenciais. O discurso jornalístico apropria-se de valores intrínsecos a esse sistema, tais como o cânone, a tradição e o mercado. Ao fazê-lo, interfere no circuito cultural e negocia um fator muito caro: a visibilidade na mídia.

Historicamente, o jornalismo vinculou-se às atividades urbanas e fez das cidades a âncora da maioria de suas narrativas. A partir de um território, o jornal situa os acontecimentos e baliza, para os leitores, a percepção do próximo e do distante. Desde o início, a cobertura de cultura representou a urbe como espaço de poder e da cultura letrada, fazendo do entorno o contexto elementar de codificação de seus conteúdos (MOUILLAUD, 2002; GADINI, 2009; ESTEINOU, 1999). Ao explorar determinadas espacialidades, propõe um mapa daquilo que o jornalismo permite ver: uma cidade que emerge das narrativas.

Este artigo discute a representação da cidade por meio do jornalismo ao examinar o jornal *Diário do Sul* – veículo associado ao grupo *Gazeta Mercantil*, que circulou em Porto Alegre, RS, entre 1986 e 1988 – e como sua cobertura de cultura ofereceu uma perspectiva da capital naquele período². Em torno desse eixo, este texto sintetiza boa parte dos resultados e finaliza o percurso da pesquisa *Jornalismo e representação do sistema artístico-cultural nos anos 1980: um estudo do jornal Diário do Sul (Porto Alegre, 1986-1988)*, conduzida a partir de análise de conteúdo e técnicas de história oral temática. A investigação desdobrou-se em recortes específicos sobre a relação entre os campos do jornalismo e os da produção cultural e artística, partindo de um objeto histórico que se configurou como um jornal de perfil analítico quando o

formato tabloide se tornava hegemônico no Rio Grande do Sul³.

Propõe-se aqui um itinerário pela cidade delimitada nas páginas de cultura, vasculhando a cartografia do circuito criativo daquele período histórico, dos segmentos culturais em voga, dos agentes que conquistaram visibilidade na narrativa, dos principais equipamentos e instituições, dos marcos de pertencimento ao território e dos fluxos constantes e externos que o atravessam. A cidade, escreve Mongin (2009), é uma mistura de mental e concreto, de imaginário e de físico. Nesse sentido, o jornalismo constitui um espaço privilegiado para (entre) ver e interpretar a cultura da urbe.

Antes de percorrer esse traçado, é preciso retomar brevemente a trajetória editorial do DS.

A cultura como opção editorial

Quando o *Diário do Sul* começou a circular, em 04 de novembro de 1986, Porto Alegre tinha 1.199.830 habitantes e três jornais diários (*Zero Hora*, *Correio do Povo* e *Jornal do Comércio*). Nesse cenário, a *Gazeta Mercantil*, principal veículo brasileiro especializado em economia no século XX, buscava ampliar sua inserção regional. Isso ocorreu após a experiência com o suplemento *Gazeta Mercantil Sul* (1984-1986), cujo sucesso sinalizou a possibilidade de criação de mais um jornal no Rio Grande do Sul⁴. A cobertura teve como pano de fundo o chamado período de redemocratização, as eleições para governadores e o Congresso Nacional Constituinte, além de uma economia tumultuada pela inflação desordenada, entrecortada por planos e ajustes monetários.

Ao conceber o projeto, o grupo liderado pelo diretor Hélio Gama Filho elegeu como paradigma o periódico espanhol *El País*. Na época com apenas dez anos de circulação, o jornal já era consagrado por ter sido o jornal da transição política da Espanha após a ditadura franquista e por investir em temas culturais e na primazia do texto. Sintonizado pela lógica editorial do grupo GzM, o *Diário do Sul* nasceu com perfil analítico, ambicionando ser o jornal de referência da cidade de Porto Alegre.

A editoria de cultura tinha presença garantida na capa, não raro disputando a atenção visual com a manchete de política e economia. Sabia-se da importância estratégica desse conteúdo para a fidelidade do público-alvo (segmentos de classes A e B), reiterando que o consumo cultural expressa distinções sociais e cresce conforme o aumento do nível sociocultural. É possível aproximar, na mesma época, a escolha editorial do DS da experiência do jornal *Folha de S. Paulo*, que potencializou o caderno *Ilustrada* e afirmou a produção artística como tema relevante

num contexto histórico que tem no *rock*, nas tendências comportamentais e na arte multimídia alguns de seus fenômenos (GONÇALVES, 2008).

Em dois anos, foi visível o crescimento da cultura no DS. De duas páginas internas no corpo principal do jornal, expandiu-se para o dobro do espaço no caderno autônomo *Cultura & Lazer*. Se em 1986, início do projeto, havia uma ênfase nas manifestações artísticas, confirmando um dos sentidos usuais do termo cultura como sinônimo das artes e do trabalho intelectual, em 1988 eram bem difusas as fronteiras entre temáticas eruditas e entretenimento. O caderno sinalizava tendências comuns às rotinas do jornalismo cultural nas décadas seguintes: autonomia gráfica da editoria, tratamento de serviço, textos menores, imagens amplas e equipe reduzida. Dificuldades financeiras e administrativas, além de problemas na logística de impressão, culminaram no fechamento do DS em 30 de setembro de 1988.

Parâmetros da cobertura do DS: âncora na cidade como território do consumo

Ao apurar determinados parâmetros estabelecidos pelo *Diário do Sul* para cobrir o sistema cultural nos anos 1980, verificou-se no *corpus* analisado⁵ um traço comum às coberturas contemporâneas dos jornais brasileiros (GADINI, 2009): a ênfase nos critérios de proximidade e atualidade, reiterando a predominância de matérias com vínculo local ou regional. Mesmo que o DS tenha concedido espaço significativo aos eventos externos, além de ter investido na tradução de vários periódicos estrangeiros, foi a partir do local, isto é, a partir de Porto Alegre, que a narrativa articulou-se. O local, porém, é relativizado pelo teor do conteúdo de cultura: lançamentos de filmes, discos, livros ou *shows* de amplitude nacional ou internacional imprimem um caráter mais abrangente, aproximando o distante do leitor local pela possibilidade de consumo.

Para Gomis (1991), a perspectiva concentrada proposta pelo jornalismo opera pela redução do tempo a um período. Trata-se de um instantâneo sincrônico que articula passado e futuro. A amostra confirma a linguagem antecipatória típica do jornalismo cultural, pontuada por uma agenda preestabelecida de notícias. Trata-se de um movimento que configura a cultura como uma sequência linear e repetitiva de eventos. A cidade, nesse sentido, é a âncora de um ciclo perpétuo, ainda que essa impressão de movimento, típica do jornalismo (HALL, 1999), não signifique necessariamente inovação. Os textos são articulados pelo presente, embora seja marcante a iniciativa do DS em situar o fato sob a perspectiva histórica, acentuando a memória como valor editorial.

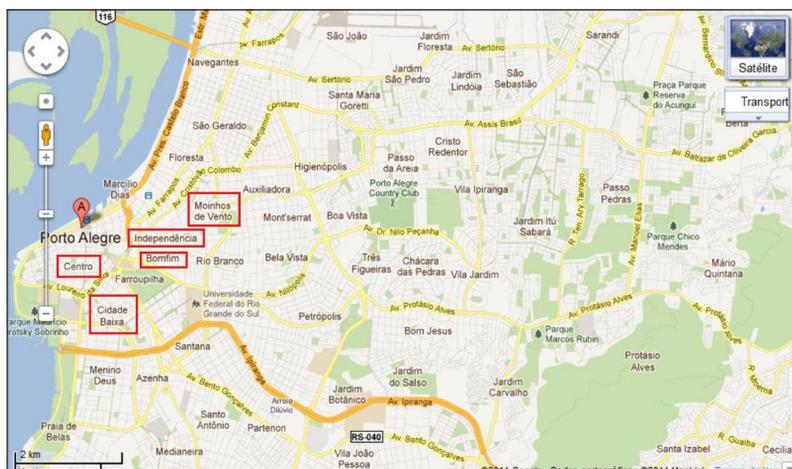
O realce dado ao serviço, privilegiando roteiros de programação, e tendo como parâmetro o leitor de classe média urbana, foi uma das apostas dos jornais nos anos 1980. O *Diário do Sul* não fugiu dessa tendência. Ao contrário, colocou em relevo roteiros detalhados da capital, que ocupavam boa parte do espaço destinado à cultura. Sob esse enquadramento, a cidade é percebida como o território do espetáculo e do consumo, dimensão comum a boa parte das metrópoles na última metade do século XX. Junto à proposta formativa do leitor, evidenciada no tratamento contextualizado da informação, as páginas de cultura do DS se constituíram em guias para o tempo de lazer do porto-alegrense.

A cartografia do roteiro e o movimento de entrada e saída na cidade

Os roteiros constituem uma importante ferramenta para desenhar a cartografia cultural. Por meio dos endereços e dos eventos citados, é possível montar o mapa dos principais polos da cidade, mapa entendido aqui como uma abstração visual, uma interpretação do território físico. Entre a primeira semana (novembro de 1986) e a última semana de existência do periódico (setembro de 1988), a abrangência do roteiro de serviço cresceu, contemplando mais temas e acompanhando a expansão do caderno *Cultura & Lazer*.

As pistas do jornal indicam o microcosmo espacial de determinadas práticas culturais em Porto Alegre entre 1986 e 1988. Em linhas gerais, nesses anos, nota-se uma característica da cidade que tem sido marcante desde o século XIX: o Centro ainda é o espaço de maior convergência cultural, local de grande capital simbólico ao agregar em si referências da identidade cidadina. Pode-se esquematizar o cenário artístico principalmente em torno do eixo formado em conjunto com os bairros contíguos Independência e Moinhos de Vento. Outras regiões próximas integram-se ao circuito, como o boêmio Bom Fim, local privilegiado das manifestações comportamentais da época – *new wave*, *darks*, *punks*, entre outras. O bairro Cidade Baixa, que começava a formar um núcleo de bares em torno do nativismo⁶, da música brasileira e do rock, encontra nos cinemas da Avenida Venâncio Aires um ponto de concentração. Próximo dali situa-se outro equipamento referencial, o Centro Municipal de Cultura, que, desde 1978, ampliava a geografia cultural centralizada da capital.

Figura 1: O Centro de Porto Alegre e os bairros Moinhos de Vento, Independência, Bom Fim e Cidade Baixa predominam no circuito da cultura no *Diário do Sul*



Fonte: Google Maps. Disponível em <https://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR>

Ainda no Centro Histórico, o centenário Theatro São Pedro, reaberto em 1984 depois de uma década de restauração, mantém o protagonismo como local mais nobre e catalisador da agenda artística, posição que tivera desde sua fundação em 1858. Outros 13 teatros são registrados pelo roteiro, seis deles administrados por instâncias públicas e os outros sete ligados a instituições como Aliança Francesa, Instituto Goethe e Associação Israelita, ou a espaços alternativos como os bares, que recebiam pequenos espetáculos. Visualiza-se a cena teatral pela presença marcante de diretores e grupos locais atuantes. Vale destacar o grupo alternativo Oi Nós Aqui Traveiz, representante de uma tendência que recusava o palco fechado e ganhava as ruas, sintonizando-se com o espírito coletivo de democratização política e de ampliação de público.

A reportagem dialoga com expoentes e tendências do teatro nacional e escolhe como critério valorativo de pauta a repercussão do trabalho dos gaúchos no centro do país ou mesmo no exterior, tangenciando dois polos que fundamentam o urbano: a oscilação entre o dentro e o fora, entrada e saída. A cobertura permite detectar as incipientes discussões sobre a necessidade de se promover, na capital, um evento de artes cênicas de porte internacional, que se concretizaria, a partir de 1994, no projeto anual Porto Alegre em Cena, levando a cidade a se constituir, pelo menos esporadicamente, em ponto de convergência no circuito de fluxos artísticos.

No centro da cidade também se concentram instituições canônicas da área de artes visuais – locais de seleção e consagração – como o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) e o Instituto de

Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), base de formação da maioria dos artistas atuantes. São locais que almejavam sinalizar novas tendências, não raro permeadas de polêmicas, por meio da realização de salões e certames de premiação.

Porto Alegre, na época, era o terceiro polo nacional de artes visuais, em ascensão desde os anos 1970. O roteiro do DS mostra a geografia do setor comercial, um dos mais rentáveis investimentos financeiros durante o Plano Cruzado (1986). O segmento se estabeleceu no entorno dos bairros Independência e Moinhos de Vento, conferindo prestígio e distinção a essas zonas de alto poder aquisitivo. Verificava-se ali um conjunto diversificado de galerias, desde as estabelecidas a partir de nomes consagrados e de repercussão nacional até aquelas que apostaram nos jovens da geração 1980.

Como foi dito, o movimento de entrada (produção artística nacional e internacional) e saída (repercussão exterior dos artistas locais) interessa à narrativa jornalística, especialmente o de entrada. Para além dos discursos sobre a cidade, percebe-se aqui um dos eixos fundantes da configuração citadina, ou seja, o do movimento e deslocamento. Os fluxos que vêm de fora criam um nomadismo urbano, constituindo a urbe como lugar de circulação e dispersão (CAIAFA, 2007). Retomando as quatro funções urbanas essenciais definidas pela carta de Atenas de 1942 (*apud* MONGIN, 2009) – habitar, trabalhar, circular, cultivar o corpo e o espírito –, vemos que a circulação, no caso da cultura, passa diretamente pelo cultivo, pela troca e pela atualização.

A amostra revela que Porto Alegre está inserida no circuito de eventos nacionais e internacionais – ainda que em menor dimensão se comparada ao centro do país –, confirmando uma qualidade percebida ao longo do século XX, já que há muito o porto era um dos principais acessos ao município. A posição geográfica privilegiada, próxima a capitais como Montevideú e Buenos Aires, habilitou Porto Alegre a manter um bom trânsito de artistas e orquestras, reiterando a perspectiva da cidade como ponto entre circuitos. Somente na área musical, o recorte qualitativo aponta público e equipamentos para receber expoentes da área, como The Cure, Jean-Luc Ponty, João Bosco, Gilberto Gil, entre vários outros. Os eventos musicais ocorrem, principalmente, nos bairros Independência e Bom Fim, ou em casas que protagonizaram a vida noturna, como Ocidente, Le Club, Porto de Elis e Opinião, as duas últimas situadas em zonas contíguas.

Naquele momento, a capital assistia ao incremento da música local urbana, do rock e do regionalismo. Vivia-se o *boom* da cultura

regional impulsionada pelo movimento nativista e seus festivais de música. O jornal valorizava a música urbana, principalmente o *rock* como principal filão mercadológico do período, abrindo espaço para a vertente regional com relativo distanciamento.

Por meio do serviço, verificou-se também o crescimento do número de cinemas na capital entre 1986 e 1988, geralmente resultante da divisão de um grande espaço em dois. São 30 as salas em setembro de 1988, todas de rua e concentradas no Centro e nos principais bairros, configurando o período anterior à migração do circuito para os *shoppings*. Programa favorito dos jovens porto-alegrenses em meados dos anos 1980⁷, o cinema foi o carro-chefe da cobertura cultural do *Diário do Sul*, reiterando a tradição local da crítica cinematográfica.

O circuito comercial e televisivo era acompanhado pelo crítico Luiz Carlos Merten. Seu texto era marcado pela interlocução com críticos nacionais e internacionais, analisando tendências do período, como a estética *noir*, o *neowestern* ou mesmo a radicalização dos efeitos especiais de Hollywood. Como apontado em estudo anterior⁸, nota-se a presença hegemônica da indústria norte-americana na programação, seguida pela produção europeia e latino-americana – em especial o cinema argentino –, além da presença de ciclos temáticos ou dedicados a diretores consagrados.

O jornal também acompanhou de perto a chegada do videocassete e a popularização do aparelho com recordes de venda em Porto Alegre. Aproveitou o fenômeno para segmentar a cobertura ao editar o caderno semanal *Espectador Vídeo*, especializado nos relançamentos da época. Editorialmente, estimulou o *home vídeo*, que alterou de forma radical a recepção cinematográfica, esta gradualmente deslocando-se da sociabilidade da rua para o espaço doméstico e atravessando outra polaridade que caracteriza a condição urbana: a relação entre público e privado.

A cidade como cenário dos agentes culturais e a institucionalização do sistema de cultura local

Na medida em que o jornalismo personaliza os acontecimentos, centrando-se na pessoa e na autoria, a cidade aparece, sobretudo, como um cenário onde se movimentam os responsáveis pela promoção da cultura. São as fontes interessadas que buscam a visibilidade performática concedida pelo jornalismo (GONÇALVES; FARO, 2009). O levantamento da identidade das fontes⁹ indicou que o DS deu especial relevo às zonas de competência da criação, análise e crítica, buscando contemplar, em menor grau, o consumo e a organização (política) do circuito.

O grupo *autor/artista* foi majoritário, reproduzindo um critério caro ao campo artístico: a crença coletiva no valor do criador. Nota-se a força de determinados agentes locais no sistema de cultura. É o caso do poeta Mario Quintana, personagem recorrente nos fragmentos narrativos. A sua aparição ou presença, como diz Gomis (1991), já é por si só um motivo de pauta. A passagem do aniversário de 82 anos do poeta, em julho de 1988, foi marcada por uma reportagem descortinando seu cotidiano no quarto de hotel onde residia havia dois anos.

Ao contrário do público, que poucas vezes apareceu como perspectiva legitimada nas narrativas, os críticos e especialistas tiveram papel relevante nas matérias do *Diário do Sul*. Essas fontes de validação são intermediários privilegiados que apostam no valor dos produtos e que cumprem a função de orientação em um mercado da incerteza, típico da economia da cultura (BENHAMOU, 2007).

A presença, mesmo tímida, dos políticos entre as fontes inventariadas indica a busca do jornal por cobrir os embates locais entre o campo artístico e a política. Em pleno processo de redemocratização, notou-se a predisposição da classe artística em influir no novo espaço público que se esboçava no período. Na capital, os artistas se articularam em torno da Associação Chico Lisboa, do Clube de Cultura e do Movimento Gaúcho pela Constituinte.

O DS ainda fez um registro minucioso do momento em que a cultura se desvinculou dos órgãos de Educação. O Ministério da Cultura foi criado em 1985 e, no início de 1988, o prefeito Alceu Collares sancionou a Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre. Em âmbito estadual, um decreto de janeiro de 1987 separou a pasta da Cultura da Educação, deixando o Conselho de Desenvolvimento Cultural (CODEC) autônomo na condução de 23 instituições culturais, espécie de embrião da Secretaria de Estado da Cultura que seria oficializada somente na década seguinte.

Economia do espaço urbano: investimentos na infraestrutura cultural

Jordi Pascual (2008) lembra que, a partir dos anos 1970, a cultura precisou demonstrar sua utilidade econômica e contribuição para a criação de valor agregado e emprego. Herdeiro do viés econômico da *Gazeta Mercantil*, o *Diário do Sul* observou aspectos como investimentos no espaço urbano, preço, custos de produção, geração de renda no setor e acompanhou os primeiros passos da Lei Sarney de 1986, que transferiu parte do financiamento da produção criativa para decisão da

esfera empresarial.

Apesar da conjuntura econômica recessiva, verificou-se na análise das reportagens uma ação sistemática na renovação da infraestrutura cultural da cidade em prédios situados entre o Centro Histórico e o bairro Bom Fim. Somente na amostra qualitativa, entre 1986 e 1988, relata-se a reabertura do Salão de Atos da UFRGS – um dos maiores (1.317 lugares) e mais importantes espaços culturais que havia fechado por dois anos –, a reabertura do auditório Araújo Vianna, a primeira fase de recuperação do Museu do Trabalho, a abertura da casa de espetáculos Átrio e o arrastado encaminhamento da restauração da Casa de Cultura Mario Quintana – que se tornaria o edifício cultural de referência dos anos 1990.

Todas essas realizações (com exceção do projeto privado Átrio) foram investimentos públicos na revitalização de edificações antigas. Naquele período, Porto Alegre sofria a degradação das áreas centrais, fenômeno comum às capitais brasileiras (VALIATI, 2009). Em contrapartida, seguindo uma tendência internacional, tomaram forma projetos de reabilitação que, no caso da capital do RS, privilegiaram o investimento em equipamentos culturais capazes de qualificar o entorno. Na cobertura do DS, visualizam-se iniciativas esparsas de regeneração urbana, fundamentais na afirmação do sentido simbólico do Centro como um ativo cultural herdado das gerações anteriores e decisivo para a prática do turismo cultural. Esses processos seriam aprofundados e sistematizados nas décadas seguintes com o programa Corredor Cultural na Rua dos Andradas (Rua da Praia), o projeto Monumenta e a restauração de vários prédios históricos, desta vez apropriados pelo sistema de cultura.

Na medida em que a cobertura torna o tema público, engajando-se na defesa da revitalização de determinadas zonas, o jornalismo participa do investimento em representações urbanas emblemáticas, que funcionam como cartões-postais geralmente institucionalizados pelo poder público. O Centro Histórico, local privilegiado de mediação entre patrimônio material e imaterial, entre passado e presente, é pródigo nesse sentido (PIO, 2005).

Temas recorrentes da província: a praça

Se o jornalismo cultural constrói uma paisagem marcada pelo fluxo contínuo do sistema de cultura e pelo intercâmbio dos agentes externos, percebem-se também temas locais recorrentes como a praça, elemento seminal do imaginário urbano. No recorte analisado, foi a Praça

da Alfândega, também no centro da cidade, que surgiu como espaço frequente nas narrativas, cenário inusitado de um torneio de jogos de dama, de apresentações de mímica, local onde se colhem impressões do público anônimo. A Feira do Livro, evento cíclico que ali ocorre desde 1955 e que ganha destaque na cobertura, parece resgatar a função da praça como ponto de convergência dos escritores e jornalistas em Porto Alegre, lugar de encontro da primeira metade do século XX, tanto quanto os cafés, as redações de jornais e as livrarias.

Visualiza-se a feira como um retrato do mercado composto principalmente por editoras locais (Mercado Aberto, Tchê, Movimento, L&PM, Kuarup e outras) em número mais expressivo que o encontrado atualmente. Entre dezembro de 1986 e janeiro de 1987, editoras e livrarias como Sulina, Mercado Aberto, Edições Paulinas e o sebo Papyrus investiram na ampliação e em novas lojas no centro da cidade, reflexo ainda do estímulo que o congelamento de preços do Plano Cruzado propiciou ao mercado livreiro.

A Praça da Alfândega também foi um dos raros locais em que a imagem externa da cidade apareceu na narrativa visual do DS. Novamente, verifica-se a centralidade da praça em um momento em que o relato jornalístico fixa marcos culturais. O jornal é lembrado pelos leitores pelo seu investimento no fotojornalismo de autor, pela recusa do flagrante e pela construção do retrato. Na maioria das imagens analisadas durante a pesquisa, constatou-se a figura de um sujeito criador estático, que assume a cena da pose. Quando se movimenta, a ação ocorre no cenário do filme ou no palco (GRUSZYNSKI; GOLIN, 2011). Curiosamente, quase não se visualiza o espaço urbano nas fotografias. Mais do que estar na rua, a reportagem de cultura do DS costumava entrar no ambiente particular do criador. Foram inúmeras as matérias realizadas nos ateliês e casas de escritores, artistas e intelectuais, percorrendo a intimidade do trabalho criativo que se esconde em diversos endereços, abrindo para o público uma pequena janela sobre o privado.

Considerações finais

A cidade é um território essencial da experiência contemporânea. Com a fragmentação do urbano devido à expansão das metrópoles, os meios de comunicação acabam por conectar seus fragmentos em espécies de relatos de localização (CANCLINI, 2008). A partir dos acontecimentos que seleciona narrar e das temáticas que elege como foco de cobertura, o jornalismo constrói e representa diversas facetas da cidade. É como se a lente jornalística, seguindo a peculiaridade de

seus enquadramentos, elevasse o valor de determinados aspectos do cotidiano (TAVARES, 2005). No conjunto de múltiplas configurações, são recorrentes as imagens catastróficas sobre o mundo urbano na mídia e na imprensa (ROCHA; ECKERT, 2005). Ao contrário de outras editorias que expandem determinadas temáticas negativas como violência ou problemas de segurança pública, percebe-se nas páginas de cultura a cidade como o local da novidade e da atualização. A cidade, no mesmo jornal, muda de paisagem e, sob o ponto de vista da cobertura cultural, passa a ser ancorada na positividade de um ambiente atravessado por fluxos que garantem uma oferta diária de consumo e cultivo do espírito para o tempo livre e entretenimento.

Como vimos, a cidade, para além de sua concretude, se constitui de representações idealizadas, resultado do pensamento dos grupos sociais, das elites urbanas, dos cronistas – jornalistas que sempre encontraram na imprensa um espaço privilegiado para representação da *polis* imaginada (PESAVENTO, 1999). Podemos pensar, então, que a cobertura segmentada afirma a cultura como projeto de identidade cidadina, aproximando-se, em um recuo histórico, do papel das revistas ilustradas que exaltaram e celebraram a cidade moderna nos anos 1920 (MARTINS, 2001; RAMOS, 2006). A tendência do jornalismo cultural em representar a *urbe* como o centro do espetáculo ou como o próprio espetáculo insere-se em um fenômeno típico das últimas décadas do século XX, quando as cidades se constituíram em agentes decisivos que sustentam e dilatam a esfera da cultura (CAMPOS; PITOMBO, 2010). O processo de globalização desencadeou a reconfiguração do urbano e estimulou a notoriedade a partir de valores como criatividade, turismo e patrimônio. A cultura passa a ser uma esfera crucial de investimentos, âncora de desenvolvimento econômico e turístico, e núcleos de atividade cultural expressiva são espécies de ímãs para atração de pessoas e capital (FEATHERSTONE, 1995; CANCLINI, 2003; 2008). Sob intensa competição econômica, as metrópoles contemporâneas projetam-se como espaços criativos. O jornalismo especializado nessa área potencializa tal discurso e investe na imagem do lugar efervescente, ponto de convergência entre circuitos de produção artística e cultural.

Por meio do estudo realizado nas páginas do *Diário do Sul*, verificou-se a centralização geográfica da cultura em Porto Alegre entre 1986 e 1988, sinal de desigualdade da distribuição dos equipamentos e do acesso aos bens criativos. Com certeza, havia mais cultura circulando, descentralizando o espaço urbano, mas a narrativa jornalística operou, com raras exceções, dando visibilidade ao circuito legitimado, assim

como aos agentes criadores e mediadores especialistas. As pistas do jornal levaram aos chamados bairros culturais e espaços emergentes. Iluminou-se a cultura do centro, não a da margem ou da periferia, como no caso das representações sobre insegurança ou violência na cidade. Trata-se da cultura que se institucionaliza por meio do sistema e que, por intermédio também da visibilidade jornalística, transforma-se em consenso para determinada sociedade e época. É o movimento das instituições que fazem girar a economia dos bens culturais, índices da autonomia de um campo – como lembra Bourdieu (2003) –, lugares em que se produz e se reproduz a crença na arte e no artista. Na medida em que o jornalismo apaga o seu modo de produção e se posiciona como um domínio capaz de reproduzir a realidade, a sensação é de que a cobertura contempla a totalidade da produção criativa. Como escreve Ferrara (2008, p. 7) em relação ao corte turístico dos cartões postais, “são como porções ou pedaços metonímicos da cidade selecionados para valer pelo todo”.

Verificou-se que o jornal se pautava pela busca do contexto e pela recorrência ao passado. Nesse sentido, a narrativa jornalística mobilizou uma cartografia da paisagem citadina, legando subsídios para a história da produção cultural. Constatou-se, nos fragmentos narrativos, que a paisagem urbana porto-alegrense se modificou com investimentos realizados no território simbólico e político consolidado desde o século XIX: o Centro Histórico. Prevalece, nesse desenho, a dialética entre centro e periferia constituinte da cidade antiga, da cidade industrial, distinta da metrópole pós-industrial que se multiplica em todas as direções e abandona a centralidade (DI FELICE, 2009). Entre a mudança e a permanência, a cobertura muitas vezes tornou público o domínio privado do criador e fixou territórios que evocam o pertencimento a uma comunidade. Esse foi o caso da praça, que aparece na análise como o atávico espaço de sociabilidade.

Mesmo que sejam pinçados em eventuais matérias comentários pouco sedutores sobre a capital – acometida pelo “bairrismo”, pelo espírito provinciano, por ser “longe demais das capitais” ou pela falta de espaços para cultura – a cobertura do *Diário do Sul* enquadrou positivamente Porto Alegre como lugar de movimento e trocas incessantes, especialmente dos fluxos capazes de atualizar a comunidade com repertórios externos. Ancorada no território como lupa para interpretar a cultura, a panorâmica jornalística tangenciou, em maior ou menor grau, polaridades que configuram a experiência urbana da cidade industrial – centro e periferia, público e privado, local e forâneo, entrada e saída.

Acreditamos que parte dessas considerações, a partir do estudo de um objeto histórico, aponta para tendências comuns às páginas de cultura dos periódicos contemporâneos na sua rotina de abrir visadas sobre a cidade como centro de consumo. Percebe-se essa tendência especialmente no traçado editorial semelhante ao dos guias turísticos, que presumem que o sentido de cada espaço urbano pode ser encontrado no ritmo dos museus, centros culturais e prédios históricos.

NOTAS

- 1 Em linhas gerais, entende-se que o campo cultural apresenta zonas de competência, instituições e atores distribuídos em movimentos e momentos articulados. Segundo Rubim (2008), eles podem ser identificados como: a) criação, invenção e inovação; b) divulgação, transmissão e difusão; c) troca, intercâmbio e cooperação; d) preservação e conservação; e) análise, crítica, estudo, investigação, pesquisa e reflexão; f) consumo; e g) organização.
- 2 Versão revisada de texto apresentado no 9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo SBPJor, 2011.
- 3 A pesquisa, com recursos do CNPq, FAPERGS e UFRGS, estruturou-se a partir de análise de conteúdo, revelando uma panorâmica quantitativa e qualitativa da cobertura cultural. Entrevistas com 12 membros da equipe editorial permitiram uma perspectiva sobre os processos editoriais do periódico. Foram abordados os tópicos: resgate histórico do jornal e sua relação com a cultura; processos editoriais da cobertura de cultura; economia da cultura; projeto gráfico e imagem na narrativa da cultura; acontecimento e identidade das fontes no jornalismo cultural.
- 4 O detalhamento da história de implantação do *Diário do Sul* encontra-se em Golin e Gruszynski (2010).
- 5 A amostra quantitativa indexou três meses alternados do primeiro semestre de existência do jornal (nov. 1986, jan. e mar. 1987) e três meses do último (maio, jul. e set. 1988). Aplicou-se uma tabela para indexação e tabulação de 1.469 matérias em 150 edições. Desse universo, a amostra qualitativa detalhou seis semanas, uma de cada mês do *corpus* quantitativo.
- 6 Movimento que nasce nos anos 1970 e tem seu auge na década seguinte. Incorpora características urbanas e busca a renovação da cultura regional.

- 7 Relatório *Jovens*, publicado em 14 nov. 1986.
- 8 Ver Golin e Gruszynski (2009).
- 9 Dentro da amostra qualitativa, foram lidas 330 matérias do jornal *Diário do Sul*, com 559 fontes computadas (GOLIN et al, 2010).

I REFERÊNCIAS

BENETTI, M. O jornalismo como acontecimento. In: BENETTI, M; FONSECA, V. **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010. p. 143-164.

BENHAMOU, F. **A economia da cultura**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CAIAFA, J. **Aventura das cidades**: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

CAMPOS, C.; PITOMBO, M. Lugares da cultura na contemporaneidade: a polis. In: BOTELHO, I. et al. **Percepções**: cinco questões sobre políticas culturais. São Paulo: Itaú Cultural, 2010. p. 34-43.

CANCLINI, N. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. Imaginários culturais da cidade: conhecimento/espetáculo/desconhecimento. In: COELHO, T. (org). **A cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2008. p. 15-31.

DI FELICE, M. **Paisagens pós-urbanas**: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar. São Paulo: Annablume, 2009.

ESTEINOU, J. El periodismo cultural en los tiempos de las grandes ciudades. **Razón y palabra**, Monterrey, n. 16, año 4, nov. 1999 - ene. 2000. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n10/esten.html>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERRARA, L. Cidade: meio, mídia e mediação. **Matrizes**, São Paulo, n. 2, p. 39-53, abril 2008.

GOLIN, C.; GRUSZYNSKI, A. Parâmetros do sistema artístico e cultural no jornal *Diário do Sul* (1986-1988): a centralidade da economia na cobertura de cultura. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 40, p 36-43, dez. 2009.

_____. et al. Jornalismo e sistema cultural: a identidade das fontes na cobertura de cultural do jornal *Diário do Sul* (POA, 1986-1988). **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, ano 32, p. 127-147, jul.-dez, 2010.

_____. GRUSZYNSKI, A. Cultura e processos editoriais: a representação do sistema artístico-cultural no *Diário do Sul* (1986-1988). **Líbero**

(FACASPER), v. 13, p. 87-98, 2010.

GADINI, S. **Interesses cruzados**: a produção da cultura no jornalismo brasileiro. São Paulo: Paulus, 2009.

GOMIS, L. **Teoría del periodismo**. Barcelona: Paidós, 1991.

GONÇALVES, E; FARO, J. S. O performativo no jornalismo cultural: uma organização discursiva diferenciada. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 38, p. 86-92, abr. 2009.

GONÇALVES, M. A. **Pós-tudo**: 50 anos de cultura na ilustrada. São Paulo: Publifolha, 2008.

GRUSZYNSKI, A.; GOLIN, C. O projeto gráfico e a visibilidade da cultura no jornal *Diário do Sul* (1986-1988). **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, São Leopoldo, v.2, n. 13, p.71-85, agosto de 2011.

HALL, S. *et al.* A produção social das notícias: o *mugging* nos media. In: TRAQUINA, N. (org.) **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999. p. 224-248.

MARTINS, A. L. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República Velha (1890-1922). São Paulo: Edusp, 2001.

MONGIN, O. **A condição urbana**. A cidade na era da globalização. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

MOUILLAUD, M. Crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: _____; PORTO, S. (org.) **O jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Editora UnB, 2002.

PASCUAL, J. Ideias-chave sobre a agenda 21 da cultura. In: COELHO, T. (org.). **A cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2008. p. 49-62.

PESAVENTO, S. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

PIO, L.G. Jornalismo e musealização: memória e cidade nos cadernos de cultura. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 83-92, segundo semestre de 2005.

RAMOS, P. (org.) **A Madrugada da modernidade (1926)**. Porto Alegre: UniRitter, 2006.

ROCHA, A. L.; ECKERT, C. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

RUBIM, A. Formação em organização da cultura no Brasil. **Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 6, p. 47 - 55, jul/set 2008.

TAVARES, F. **A cidade, o fotojornalismo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

VALIATI, L. **Valor, espaço e cultura**: a dimensão não-quantitativa da valoração econômica na reabilitação dos centros urbanos. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

Cida Golin é doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) na linha Jornalismo e Processos Editoriais. E-mail: cidago@terra.com.br

Sara Keller é mestra pelo PPGCOM/UFRGS.
E-mail: sara_keller25@hotmail.com

Everton Cardoso é doutorando no PPGCOM/UFRGS. Jornalista na SECOM/UFRGS e professor nos cursos de Comunicação Social da Unisinos. E-mail: cardoso.everton@hotmail.com

RECEBIDO EM: 30/11/2011 | ACEITO EM: 03/05/2012